



## A IMPORTÂNCIA DE ALGUMAS CONCEPÇÕES DE HUSSERL PARA A PSICOPATOLOGIA\*

Doi: 10.62506/phs.v5i2.236

Elso Arruda (1951)\*\*

**Resumo:** O autor destaca a necessidade de uma atitude rigorosamente fenomenológica em psicopatologia. Os conceitos estabelecidos por Husserl devem ser seguidos tanto quanto possível. Então o autor mostra as desvantagens da multiplicidade de “fenomenologias” e o perigo de misturar regras científicas clássicas nos estudos de psicologia fenomenológica e psicopatologia. O autor diferencia a fenomenologia transcendental da psicologia fenomenológica e da psicopatologia, como ciências positivas, ao mesmo tempo que mostra a possibilidade de uma orientação genética e dinâmica da psicopatologia fenomenológica. O autor relaciona alguns exemplos da aplicação dos princípios de Husserl na psicopatologia e na medicina psicossomática, mostrando a fecundidade dessa aplicação.

A psicopatologia fenomenológica visa estudar as manifestações mórbidas do paciente em sua forma pura e exatamente como se apresentam, e ao mesmo tempo considera o comportamento do EGO<sup>1</sup> diante do próprio transtorno e da vida no mundo. Para cumprir sua tarefa, a psicopatologia fenomenológica requer, de acordo com Husserl: 1) uma atitude peculiar, antinatural, fenomenológica e pré-reflexiva (*Vorwissenschaftlich Stellungnahme*<sup>2</sup>); 2) a descrição exata dos dados mórbidos, como ocorrem na consciência ou são revelados pela doença; 3) a “*Epoché*” ou redução fenomenológica, pela qual o fenomenólogo não se limita às aparências e consegue atingir o que é essencial em um dado fenômeno psicopatológico; 4) a intuição fenomenológica – que lembra a intuição bergsoniana, sem que com ela tenha identidade – pela qual o fenomenólogo faz uma observação mais sutil, uma forma de penetração no conhecimento dos fatos psicopatológicos e busca apreender a compreensão das características essenciais dos fenômenos exibidos pelo paciente. É uma intuição ou captura de essências (*Wesensschauung*, de Husserl) pela qual o psicopatologista pode atingir a essência do distúrbio fundamental em cada caso (Minkowski). A dificuldade de aplicação de todos esses princípios na psicopatologia resulta da persistência dos antigos métodos de investigação psicológica e psiquiátrica, bem como do uso em psicopatologia do mesmo objeto da psicologia e ciências afins. Consequentemente, a psicopatologia, no máximo, tornou-se com Jaspers, na época da primeira edição de sua famosa *Psicopatologia Geral*, uma ciência de assuntos mórbidos, ligada aos métodos das ciências naturais e novamente usando os métodos derivados da observação direta e auto-exame. A aplicação do associacionismo – considerado o inimigo nº 1 da psicologia – à psicopatologia retardou ainda mais o desenvolvimento desta como ciência autônoma. Faltou uma modificação metodológica radical com o uso em psicopatologia de seu verdadeiro objeto; essa modificação só foi possível com a psicopatologia fenomenológica. Queremos também lembrar a importância de não nos deixarmos ser forçados pelos antigos métodos e atitudes científicas, pois é um fato comum a observação de autores que tratam de problemas psicopatológicos adotando uma atitude presumivelmente fenomenológica, caindo imperceptivelmente nas teorizações e explicações muitas vezes distantes da realidade do fenômeno mórbido. A grande dificuldade da fenomenologia é não sair de seus domínios à medida que nos aprofundamos na investigação psicopatológica, evitando o que frequentemente observamos: em muitas publicações sobre fenomenologia há apenas a intenção de se ser fenomenólogo, porque na realidade todas as descrições e interpretações são limitadas aos métodos da psicopatologia clássica. Insistimos, no entanto, na necessidade de manter o máximo possível dos princípios estabelecidos por Husserl, pois pelo contrário, corremos o risco de não avançar cientificamente.

É óbvio – quando me refiro à fenomenologia husserliana em psicopatologia – que não penso absolutamente em sua fenomenologia transcendental, que é uma filosofia universal

1 Consoante o original, em maiúsculas (N.do E.).

2 Optamos por colocar todos os vocábulos e expressões originalmente em língua estrangeira, em itálico, mesmo que o original não esteja desta forma (N. do E.).

\* Relatório apresentado ao Diretor do Hospital Juliano Moreira e mandado publicar pelo Sr. Secretário da Educação e Saúde. O título original da preleção (realizada em francês) foi: “Importance de Quelques Conceptions de Husserl pour la Psychopathologie”. Publicado em: Elso Arruda (1951), Os Congressos Internacionais de Criminologia e Psiquiatria (Paris, 1950) (pp.131-140). Salvador: Imprensa Oficial da Bahia. Tradução de Pedro Tizo Santos [O texto original não apresenta Notas, de modo que todas as Notas de Rodapé aqui presentes, foram acrescentadas com vistas a dar melhor visibilidade ao texto ou esclarecer aspectos específicos. Nota do Editor].

\*\* “Uma das sessões matinais de 25 foi destinada ao simpósio sobre Análise Existencial em psiquiatria e realizada no anfiteatro Descartes, da Sorbonne, sob a presidência de [Ludwig] Binswanger e vice-presidência de [Eugène] Minkowski. Nesta sessão, considerada como tendo sido uma das melhores do Congresso, surgiu como fulgurante expressão a personalidade de Binswanger, que fez uma longa e profunda alocação sobre a Daseins-Analyse. Binswanger pode comprovar uma vez mais a fecundidade desse modo de considerar os problemas psicopatológicos, no que foi secundado por Minkowski (da Suíça), Van der Horst (da Holanda), Wagner (da Alemanha) e Wyrsch (da Suíça). Após usarem da palavra os congressistas acima citados foram convidados a apresentar nossa comunicação que levava o seguinte título: “Importância de algumas concepções de Husserl para a Psicopatologia”. Seguiram-se outras comunicações. Eis texto original da nossa comunicação” (Preâmbulo ao texto em questão, p. 131).



capaz de fornecer um *organon* para a revisão metódica de todas as ciências. Estou me referindo apenas à psicopatologia husserliana, derivada diretamente da psicologia fenomenológica, não transcendental. Essa distinção faz o próprio Husserl em um capítulo sobre fenomenologia que ele escreveu para a *Enciclopédia Britânica*. Ele considera a psicologia como uma ciência positiva, como uma ciência dos fatos que deve usar o método fenomenológico para se tornar consistente (vol. 17, p. 699)<sup>3</sup>. E é por meio dessa psicopatologia que as manifestações mentais mórbidas são estudadas com rigor, com base na experiência concreta, sem explicações e teorizações estereis. Considerada assim, a psicopatologia se tornaria mais exata como já pudemos ver aplicadas apenas na fenomenologia das subjetividades de Jaspers, ou as *übergreifendes Verstehen* de Spranger<sup>4</sup>, mas que não foi possível com algumas tentativas de reconciliar a fenomenologia com os modos clássicos da consideração. Poderemos assim chegar a este ideal relatado por Honorio Delgado, ou seja, a determinação rigorosa daquilo que estudamos e conhecemos como relacionados com os vários fenômenos observados. Os fenômenos psicopatológicos, sua gênese e sua dinâmica, podem ser estudados com rigor. O trabalho de Von Gebattel demonstra isso. Não há dúvida de que as contribuições psicopatológico-fenomenológicas mencionadas por Rümke significam um avanço extraordinário na direção de uma psicopatologia rigorosa. Contudo, julgamos que é necessária uma unificação das fenomenologias na psicopatologia, pois não deve haver que uma fenomenologia e um método fenomenológico: aqueles de Husserl. Devemos direcionar nossos esforços no sentido de introduzir cada vez mais as ideias originais de Husserl, pois observamos que os estudos psicopatológicos mais frutíferos foram realizados por aqueles que mais se aproximaram dessas concepções, a saber: Carl Schneider (*Psychologie der Schizophrenen, Die Schizophrene Symptomverbände*), Moritz Geiger (*Phänomenologie des Glückgefühls*), Kronfeld (*Wesen der Psychiatrischen Erkenntnis*), Binswanger (*Ueber Ideenflucht, Phänomenologische Anthropologie, Faseinschiatische Anthropologie, Daseins-analytische Forschungsrichtung in der Psychiatrie*), etc.

Eis, agora, como o fenomenólogo se comporta: Ele não considera o evento psíquico mórbido (*Erlebnis*) como um dado fixo do qual ele tira conclusões; procura, ao contrário, conhecer bem o seu significado, ver os dados psicopatológicos como são apresentados pelo paciente (e não apenas descritos), ao mesmo tempo que procura pela Redução, penetrar e conhecer a intimidade do fenômeno em si, bem como do EGO no qual ele ocorre. Binswanger considera a seguinte noção básica: em cada evento isolado (*Erlebnis*), o indivíduo em quem o mesmo é dado comunica algo ao examinador e, por meio de cada evento (*Erlebnis*), o examinador apreende um aspecto da pessoa (*Erlebende Persönlichkeit*). Ele procura conhecer as experiências intuitivas, sensíveis ou categóricas mórbidas, as experiências emocionais e as de valor ético e estético, como um processo na consciência do paciente, sem prejudicar nada e sem querer estabelecer conceitos e teorias. A personalidade do paciente é considerada como um todo, pois o Ego mórbido é o objetivo primordial da pesquisa psicopatológica e chegamos a esse Ego por purificações e redução dos atos psíquicos mórbidos, de modo a atingir seus fatores essenciais (*Momenten*) e a adequação (*Adequätheit*) ao indivíduo para quem passaram.

Quando o psiquiatra quer conhecer, em sua pureza, as manifestações mentais mórbidas do paciente, ele consegue conhecer não só o paciente como um todo, mas também o mundo em que ele existe. O homem e o mundo constituem uma unidade fenomenológica e, como tal, são inseparáveis. Dessa noção vem não apenas a concepção de von Weiszaecker<sup>5</sup> do círculo formal (*Gestaltkreis*), mas também a concepção heideggeriana de que somos homens como existimos no mundo (*In-Welt-Sein*). A esta unidade pertencem também os homens que coexistem no mundo (*Mitdaseinenden*).

Assim, aprendemos a noção básica de que o objetivo final da pesquisa fenomenológica é o que Husserl chamou de mundo da vida (*Lebenswelt*).

Quando o psiquiatra se empenha em conhecer cada vez mais o paciente em sua profundidade, chega a um limite onde o Ego e o Outro (Alter) se fundem no fato fundamental do “NÓS”, processo natural pelo qual o indivíduo age inconscientemente ao considerar sua condição de coexistência no mundo (*Mitdaseinende*). O caráter transcendental dessa convivência, já apontado por Heidegger e seus alunos foi, pela primeira vez, destacado por Husserl em sua concepção de intersubjetividade transcendental. Segundo ele, o Universo da realidade está em conexão essencial com o Universo da consciência. No meu “EGO” são constituídos outros “EGOS”, o que possibilita constituir um mundo subjetivo que nos é comum. Essa forma de compreensibilidade, diz Husserl, é a mais elevada racionalidade concebível e que Scheler considera

3 O texto não traz a referência completa relativa a esta citação. O leitor pode recorrer a uma recente publicação da Editora Vozes, de 2022, onde consta a tradução das quatro versões do famoso Artigo da *Encyclopedia Britannica*, publicada originalmente em 1929: “Psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental: Textos selecionados (1927-1935)”, tradução de Giovanni Jan Giubilato, Anna Luiza Coli, Daniel Guilhermino e Felipe Maia da Silva. Remetemos igualmente o leitor à resenha da supracitada obra, publicada neste periódico: Silva, C. (2023). Resenha do Livro: Psicologia Fenomenológica. *Phenomenology, Humanities and Sciences*, 4(3), 202-203. Recuperado de <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/174> (N.do E.).

4 “Compreensões abrangentes”, em tradução livre da referida expressão de Eduard Spranger (N.do E.).

5 Aqui, o autor refere ao trabalho de Viktor Freiherr von Weizsäcker (1886-1957), médico e fisiologista alemão, que estudou em Tübingen, Freiburg, Berlim e Heidelberg, onde se formou em medicina em 1910. Ficou conhecido por seu trabalho pioneiro em medicina psicossomática e por suas teorias sobre antropologia médica, sendo lembrado por seu conceito de *Gestaltkreis* (publicado no livro “Der Gestaltkreis, Theorie der Einheit von Wahrnehmen und Bewegen”, em 1940), uma elaboração derivada da Psicologia da Gestalt (ou Psicologia da Forma), que utiliza para explicar que os eventos biológicos não são respostas fixas, mas dependentes de experiências anteriores e constantemente redefinidos pela experiência. No final da década de 1920, von Weizsäcker foi coeditor de *Die Kreatur* com o filósofo Martin Buber (1878-1965) e o teólogo Joseph Wittig (1879-1949). Nesta revista, apresenta sua antropologia médica (N. do E.).



uma forma de percepção sensorial interna, ligada ao fenômeno da simpatia. O mérito da fenomenologia foi, nesse sentido, o de proporcionar uma compreensão mais adequada do fenômeno do autismo, considerando-o ligado ao problema da intersubjetividade e da coexistência no mundo. O autista tem uma atitude peculiar em relação à vida e ao mundo, pela qual tem uma noção diferente do mundo externo real, das essências e dos valores. Tudo é derivado de uma modificação dos sentimentos profundos aos quais estão ligadas as noções de intersubjetividade e de simpatia.

A psicopatologia se valeu da concepção fenomenológica de intencionalidade criada por Brentano, defendida e divulgada por Husserl. A intencionalidade é considerada um elemento fundamental e essencial na estrutura de todos os atos psíquicos. A intencionalidade, Heidegger acrescentou as noções de espacialidade e temporalidade, também como elementos da estrutura do ato. As modificações do modo de execução psíquico, destacadas por Schneider na esquizofrenia, produzem uma modificação imediata da intencionalidade, da espacialidade e da temporalidade da experiência (*Erlebnis*). Os pensamentos, portanto, parecem fabricados, impostos, sofrem escapes, distorções, parecem mais rápidos, fugazes, etc. Os gestos são abruptos, sem sentido e desmotivados. Na psicose maníaco-depressiva, observamos mudanças típicas na temporalidade do ato de pensar, da qual deriva um modo anormal de existência (*Springenden Modus des Daseins*). Foram estudados os conhecidos distúrbios da noção de tempo e espaço na demência paralítica, em pacientes de Korssakow e, também, o sentido espacial e temporal de certas manifestações neuróticas (fobia de lugares altos, ansiedade de espera), estudados sob o ponto de vista fenomenológico.

Levando em conta a importância da fenomenologia para a compreensão dos diferentes sintomas, vamos agora relembra as considerações sobre sintomas psicossomáticos (organo-neuróticos) que publicamos em trabalho recente. Segundo Husserl, a relação que um juízo torna compreensível é a relação entre o signo e o sinalizado. Existem dois tipos de signos: o anúncio e a expressão. Aqui está um exemplo: febre é um sinal de infecção. Esse relacionamento é compreendido imediatamente por meio da experiência. É uma relação causal, explicativa, inteligível, um anúncio, uma espécie de signo exclusivamente observado e que não inclui necessariamente a compreensão que leva ao seu conhecimento. Enquanto os anúncios, por um lado, são baseados em conexões inteligíveis; expressões, por outro lado, designam relações compreensíveis, inteligíveis e significativas. Exemplo: vômito como expressão de um transtorno de personalidade. Uma expressão é, portanto, caracterizada pela relação entre uma manifestação (*Kundbabe*) e sua compreensibilidade (*Kundnahme*) onde ambas constituem uma unidade fenomenológica na consciência daquele que a manifesta. Quando aplicamos essas noções lógicas à medicina na tentativa de melhor compreender a natureza e a essência dos sintomas psicossomáticos, constatamos, de início, que o anúncio é um sinal de que algo heterólogo ao Ego, pois neste caso o signo e o sinalizado pertencem a regiões ontológicas distintas e mantêm apenas uma relação causal entre elas. A vermelhidão, por exemplo, como sinal de inflamação, é um anúncio (*Anzeichen*). Anuncia a existência de uma doença definida. O que é característico do anúncio é que um determinado fato está relacionado a outro e essa relação só nos é conhecida porque nos foi transmitida por meio da própria experiência ou da experiência de outrem. A apreensão (*Einsicht*) de um relacionamento, por exemplo: eu percebo A; A existe apenas se B existe; logo, A é um sinal da existência de B. Raciocinando desta forma, qualquer sintoma seria o anúncio da existência de uma doença. No entanto, existem sintomas que são pertencentes a um nível ontológico superior, porque não são estranhos ao Ego: o Ego, portanto, exerce influência sobre o signo e lhe confere características peculiares. O sintoma, portanto, deixa de ser apenas o anúncio de uma doença, para se tornar a expressão do sofrimento de um Ego doente. A relação necessária para que um sintoma se torne expressão é a que existe entre um órgão (uma forma ou *Gestalt*) e o indivíduo doente. O sintoma é, portanto, a expressão de algo em relação ao Ego; a relação não é mais apenas causal e explicativa; sua compreensão é necessária se quisermos apreendê-la. Exemplos: vermelhidão<sup>6</sup> como sinal de modéstia<sup>7</sup>; palidez, como um sinal de medo; vomitar como sinal de aversão a uma pessoa ou coisa. O sintoma expressivo é, entretanto, dotado de finalidade e sentido. O sintoma de advertência, ao contrário, independe da influência da personalidade (hemorragia por ruptura de um vaso). Qualquer sintoma expressivo, portanto, expressa uma reação da personalidade (espasmo cardíaco, vômito psicogênico, diarreia mucomembranosa, etc.). Em geral, o indivíduo expressa seu sofrimento por sintomas nos órgãos que se tornarão os instrumentos de uma linguagem especial, a linguagem dos órgãos. A patologia psicossomática lida exatamente com aqueles sintomas expressivos que estão localizados nos órgãos. Chamamos de “órgão expressivo” o órgão pelo qual a personalidade expressa sua reação a determinado sofrimento. Chamamos de “nosotropia” a energia direcionadora da eleição do órgão para o qual uma personalidade expressará suas ações e reações mórbidas. O sintoma expressivo geralmente se manifesta em um órgão ao qual a função está ligada por possibilidades análogas de expressão, pré-formadas no indivíduo. Por exemplo, existe uma relação expressiva pré-formada entre sentimentos de aversão, repugnância e determinadas reações ao estômago (náuseas). O indivíduo pode expressar sua aversão a uma situação ou a uma pessoa por meio de náuseas e vômitos. E assim por diante. A partir dessa relação expressiva pré-formada, há uma conexão entre o conflito de personalidade e o distúrbio funcional. É por isso que falamos de uma linguagem ou dialeto de órgãos, por meio

6 Ou rubor [N.do E.].

7 Ou pudor [N.do E.].



do qual a personalidade diz o que não diz por palavras ou atos. Por esse motivo, preferiremos chamar os sintomas psicossomáticos de “sintomas personológicos”. Poderíamos ainda discutir a estrutura fenomenal dos sintomas personológicos: isso representaria, no entanto, uma grande extensão do texto. Referimo-nos aos interessados os nossos trabalhos sobre o tema: “Estudo fenomenológico dos sintomas psicossomáticos” e “Sintomas psicossomáticos (personológicos) na gravidez”.

Seria tedioso prosseguir com essas considerações para demonstrar a necessidade crescente da aplicação dos pontos de vista de Husserl na psicopatologia e na medicina psicossomática. O que dissemos é suficiente para dar uma impressão geral do problema e de nossa posição científica.

\*\*\*\*\*

Após a leitura de nossa comunicação, o Prof. Binswanger levantou-se e fez uma apreciação sobre a mesma, ressaltando, entre outras coisas, o seguinte: que em face da comunicação que acabava de ser lida não podia silenciar quanto à sua significação, pois tratando a mesma, da necessidade de nos atermos cada vez mais às conceituações de Husserl, que tanta influência exerceram e vêm exercendo sobre a psicologia, a psicopatologia e, também, sobre sua Daseins-Analyse, não podia ele deixar de concordar com a tese que naquele momento era defendida. Em primeiro lugar, porque de fato, a análise existencial surgiu da fenomenologia e em segundo lugar porque somente poderá ser fecundada a psicopatologia que tiver por base o método fenomenológico. Além do mais, queria frisar, naquele momento, que era com a maior satisfação que lembrava ter sido naquela mesma sala (anfiteatro Descartes), que Husserl fez suas célebres preleções, depois publicadas como “Meditações Cartesianas”, sendo por isso, motivo de consideração o fato de um estudioso de Husserl vir ali mesmo defender os postulados do grande filósofo como necessários para a psicopatologia como ciência.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Este parágrafo consta do Relatório, e vem de acréscimo à preleção [N.do E.].